

# Relação mãe e bebê no desenvolvimento infantil sob a perspectiva winnicotiana

*Mother and baby relationship in child development from a Winnicottian perspective*

<sup>1</sup>Camila Marques Silva

<sup>2</sup>Caroline Andrade Meira

<sup>3</sup>Débora Regina da Costa

<sup>4</sup>Ederson Ribeiro Costa

<sup>5</sup>Joice Cristina Cozza

## RESUMO

Este trabalho teve como propósito analisar a relação mãe-bebê dentro das três funções da maternagem segundo a teoria winnicotiana. Para tal, foi realizada revisão de literatura narrativa comparativa, na abordagem relação mãe-bebê e seu trajeto que vai da dependência à independência. Tal questão vem tomando um grande espaço dentro da Psicologia, visto que há uma relação direta na construção subjetividade do bebê e a formação da identidade adulta. Pode-se destacar a importância da maternagem suficientemente no desenvolvimento infantil, considerando este ciclo o fator fundamental na caracterização da qualidade do processo de maturação do bebê.

**Palavra-Chaves:** Desenvolvimento infantil, Maternagem, Relação Mãe-Bebê, Winnicott.

## ABSTRAT

This paper aimed to analyze the mother-baby relationship within the three functions of mothering according to the Winnicottian theory. To this end, a comparative narrative literature review was performed in the mother-baby relationship approach and its path from dependence to independence. This question has been taking a large space within Psychology, since this relationship in the baby's subjectivity of the baby and the formation of adult identity. The importance of sufficiently good mothering in child development can be highlighted, considering this cycle as the fundamental factor in characterizing the quality of the baby's maturation process.

**Keywords:** Child Development, Mother-Baby relationship, Motherhood, Winnicott,

## Introdução

Um novo mundo espera os recém-nascidos, um universo bem diferente daquele onde ele viveu nos últimos nove meses – o meio intrauterino. Junto com o nascimento vão surgindo as primeiras barreiras a serem enfrentadas e os bebês só tem como recurso os estímulos sensoriais (SILVA & PORTO, 2016).

Diante deste novo mundo, a mãe é o instrumento decisivo para o efeito de desenvolver saudavelmente as necessidades da criança (GAIA & ZULIAN, 2010).

---

<sup>1</sup>Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP

<sup>2</sup>Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP

<sup>3</sup>Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP

<sup>4</sup>Docente do Curso de Psicologia, no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP

<sup>5</sup>Docente do Curso de Psicologia, no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP

Segundo Winnicott (1999), a mãe se torna responsável pela construção da saúde mental de seus filhos, sendo a ela o atenuador dos processos que envolvem o crescimento físico e emocional do bebê.

Ainda, de acordo com Winnicott (1983), a atenção que a mãe estabelece nos cuidados com o bebê é determinante na construção do sujeito, a partir desta construção o bebê começa a desenvolver um ambiente que lhe proporcionará condições de enfrentar os desafios de cada etapa do desenvolvimento infantil.

Para Zornig (2010), no início do século XVIII o iluminismo e o romantismo destacavam a importância do afeto nas relações conjugais e familiares, fator que ia ao encontro aos arranjos externos que desvalorizava as escolhas individuais. Fazendo uma análise da história, podemos associar as relações tradicionais com os bens familiares, os afetos predominavam sempre em função do interesse pessoal ou familiar.

Ainda para Zornig (2010), o desenvolvimento de uma sociedade se garantia em torno do afeto entre pais e filhos. Já na opinião de Borsa (2007), estabelecia-se o crescimento emocional relativo à conexão materno-infantil, destacando este vínculo como essencial para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do indivíduo ao longo da vida.

Este vínculo ultrapassa as barreiras somente em cumprir as obrigações essenciais de cuidados, segundo Winnicott (2008, p. 118) o amor é a chave principal para que um bebê se torne um adulto saudável e independente. Esse sentimento é que torna inviolável a relação entre a mãe e seu filho.

Ainda dentro desta relação materno-infantil, destacamos os problemas existentes em toda relação. Para Winnicott (1988), há que se levar em conta as dificuldades que uma mãe pode ter nos cuidados com seu bebê, principalmente aquelas desencadeadas por problemas emocionais, em virtude do sentimento de desamparo provenientes de carências em sua história, denominados como confronto de desamparos.

## **Material e Método**

A pesquisa foi desenvolvida dentro do aporte psicanalítico com uma visão winnicotiana, valorizando o desenvolvimento infantil a partir da relação da mãe com

o bebê, para um desenvolvimento particular e fidedigno, sendo necessário que a mãe seja “suficientemente boa” (BORSA, 2007).

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura narrativa comparativa que, segundo Rother (2007), são publicações vastas e adequadas para delinear e debater o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto.

Através deste contexto, foram utilizados meios eletrônicos como acesso aos artigos científicos, monografias e teses em bancos de dados, tais como, PEPSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Revistas Eletrônicas, SciELO (Biblioteca Virtual em Saúde), Anais, Redalyc (Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal), tendo como desígnio conseguir um vasto conhecimento baseando-se em estudos anteriores.

Apresentou-se como propostas de inclusão, artigos que esclarecem sobre o desenvolvimento infantil, que citem as três funções da maternagem, segundo Winnicott, através das palavras chaves: maternagem, desenvolvimento infantil, relação mãe-bebê, Winnicott priorizando a relação mãe-bebê e o desenvolvimento da criança e possíveis causas para este. Foram utilizados trabalhos científicos com publicações entre os anos 2003 a 2018, pois nesses existem uma gama de informações sobre a temática, mais proeminente para que se tenha um parâmetro da atualidade, em contraponto usamos as pesquisas do autor que descreve a teoria chave para este trabalho, porém, mais antigas, entre os anos 1953 até a tradução mais atual de 2008.

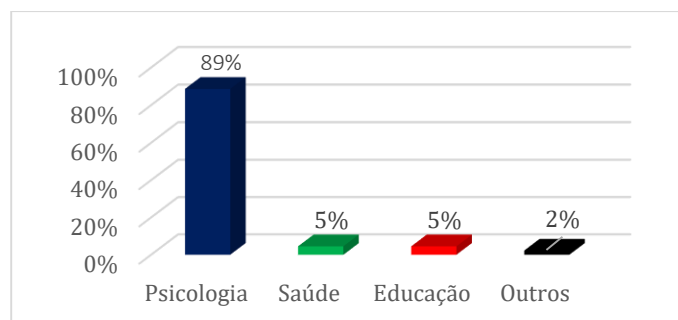
Para o critério de exclusão, foram eliminados do estudo artigos que retratam a relação mãe-bebê fora da perspectiva winnicottiana e artigos que não abordem o desenvolvimento infantil até a segunda infância.

## **Resultados**

Inicialmente foram selecionados 68 artigos, sendo esses todos relacionados ao tema proposto, desta forma 50 artigos foram lidos em sua íntegra e 18 excluídos por não apresentarem em seu resumo informações relevantes ao nosso estudo e/ou em outros idiomas. Mediante os artigos selecionados e de interesse ao estudo, somente 44 foram de fato utilizados em nossos resultados.

Seguindo um parâmetro analítico quantitativo sobre os artigos selecionados, podemos detectar dentro dos incluídos que 89% são publicações destinadas a Psicologia e 05% para área da educação, 05% para área da saúde e 2% outros (Metodologia de Pesquisa), como demonstrado no gráfico 1.

**Gráfico 1** – Percentual dos estudos



Há grande preocupação na área psicológica sobre a questão da relação mãe-bebê e no que ela representa para o desenvolvimento infantil. Outro fator a se destacar é a necessidade constante de informações, em que o profissional da psicologia utilizará a fundamentação teórica e a integrativa da compreensão do mundo mais profundo da relação mãe-bebê.

## **Discussão**

Diante da necessidade de refletir sobre a temática, iniciaremos com as 3 funções da maternagem sob a perspectiva winnicottiana.

Não há como falar de um bebê sem falar de sua mãe, pois, no início, o ambiente é a mãe e Winnicott acredita no potencial que toda mãe possui para cuidar de seu filho, ele ressalta que a mãe é definitivamente devotada. A criança é totalmente dependente, sendo esta a palavra chave para estudá-la. No início essa dependência é absoluta, pois os bebês precisam dessa devoção da mãe para lhes atender prontamente todas as suas necessidades e, apenas, gradualmente durante seu primeiro ano de vida se transforma em algo externo e separado do bebê. Um bebê não existe sem sua mãe, os dois fazem parte de uma relação, sempre que há um bebê existe a função da maternagem (MONTEIRO, 2003).

## **Perspectiva Winnicottiana dentro das 3 funções da maternagem**

### **Gestação**

De acordo com Kehdy (2013), o ambiente de holding vai incluir toda a rotina de cuidado, tendo este uma qualidade afetiva muito importante. Neste período de gestação, o pai tem como função oferecer o holding para a mãe, pois para ela exercer uma maternagem suficientemente boa, é indispensável que ela seja amparada por um ambiente de holding.

Entretanto se o ambiente inicial desta mãe for deficiente, ela terá dificuldades em realizar em sua fantasia um bebê vivo e completo, dificultando assim, desde o início, sua relação com o bebê (MONTEIRO, 2003).

De acordo com Piccinini *etal* (2012), a relação mãe-bebê inicia-se no pré-natal, corroborando com isto, Andrade *et al* (2017), relata em sua pesquisa uma tendência das mães em construir uma representação mental do bebê, sendo este importante para a criação de vínculo.

Winnicott (1985) descreve o bebê como uma “organização em marcha” onde para que ele cresça e se desenvolva física e psicologicamente saudável, este desenvolvimento é uma parcela de responsabilidade do próprio bebê, algo inato a ele. Cada um tem seu investimento biológico para seu desenvolvimento que incluem processos de maturação. A outra parcela de um desenvolvimento saudável se dá através de um ambiente facilitador, cujo papel da mãe é tão importante.

A mãe desenvolve um estado psicológico chamado “preocupação materna primária” onde é caracterizado por uma fusão entre o bebê e ela, sendo os dois apenas um. A preocupação materna primária tende a se estender de semanas a meses após o parto, a qual a mãe desloca toda atenção que antes era focado em outros assuntos para satisfazer as necessidades da criança. Esteves, Anton & Piccini (2011, p. 79) descrevem como um “*retraimento ou dissociação, na qual um determinado aspecto da personalidade prevalece por algum tempo*”.

O estado psicológico de preocupação materna primária é adquirido através da sensibilização, de uma capacidade particular da mãe em se identificar com as necessidades do bebê. O holding realizado pela mãe dará passagem para que o bebê saia da não- integração da fase de recém-nascido, para uma integração posterior e o

vínculo com a mãe que ofertará base para um desenvolvimento saudável das capacidades inatas do sujeito (DE MOURA, 2008).

Sendo assim, este estado de preocupação materna primária é essencial para que o desenvolvimento do bebê seja saudável, visto que a mãe desenvolverá, desde a gestação, uma empatia pelo bebê, e assim irá atender as necessidades básicas, sabendo o que este bebê precisa e sente (HORTIZ *et al*, 2013).

Este período é marcado pela impossibilidade das funções do handling e apresentação de objetos, visto que o bebê ainda está no ambiente intrauterino, e para se ter o handling é necessária uma manipulação. De acordo com Klautau e Salem (2009), esta manipulação envolve os cuidados físicos que são ofertados para o bebê, como acalmar e embalar. Já a apresentação de objetos configura-se como inexistente neste período, visto que para Mariano (2010, p. 25) “*a mãe começa a apresentar objetos para a criança, os objetos transicionais*”.

## **Puerpério**

No começo da vida, o ambiente para o bebê é de extrema importância e dentro dos limites da condição do ser humano deve ser perfeito (SANTOS, 2017). Visto que as primeiras quatro semanas de vida são configuradas como o período neonatal, este é um período de transição do útero, onde o feto é sustentado totalmente pela mãe e progride para uma existência independente (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 133).

Logo após o nascimento, a mãe e o bebê entram na fase de dependência absoluta, significando que esta mãe e bebê dependem, na satisfação de suas carências, diretamente um do outro (CASTILHO, 2012, p. 128).

A existência de uma rede social no pós-parto é essencial para que a mãe e o bebê tenham uma sustentação, ou seja, o holding (KEHDY, 2013). Já para Klautau e Salem (2009), o holding é o primeiro ambiente do bebê, configurando-se como um suporte confiável, devendo ser realizado desde o nascimento, para que desta forma o recém-nascido consiga progredir para a integração e ter sua experiência de continuidade resguardada. Além disso, este suporte acontece a partir da sustentação cuidadosa, com que o outro, neste caso a mãe, sustenta o bebê, que nesta fase é incapaz de ser autônomo, como por exemplo, sustentar sua cabeça sem o subsídio externo.

Neste período o holding físico, configura-se como central na relação mãe-bebê, visto que é a partir dele que o recém-nascido consegue prosseguir com um desenvolvimento satisfatório e sadio.

De acordo com Winnicott (2000) handling acontece a partir do manejo físico do bebê, como por exemplo, a troca de fraldas, devendo proporcionar ao bebê o bem-estar físico, integrando a vida psíquica. Já a apresentação de objetos, corresponde a entrega ao bebê do objeto desejado, para que assim ele acredite que o mundo contém o que ele precisa e deseja.

### **Primeira Infância**

O contato inicial após o nascimento é de suma importância para a mãe e para o bebê. Atualmente profissionais da saúde, tais como obstetras, pediatras, enfermeiros ou até mesmo doulas já acolhem como prática o que a teoria winnicottiana chamou a atenção:

*Por um lado, o quão valioso é para a mãe ver e sentir o seu bebê contra o seu corpo imediatamente após o nascimento, e por outro, o quão necessário é para o bebê entrar em contato com o corpo materno, visto que a sensibilidade da sua pele está muito aguçada (SILVA, 2016, p.41).*

O bebê nasce não integrado, ou seja, sem nenhuma experiência de contato com a realidade do mundo externo. Assim que nasce, o bebê não possui noção de sua corporeidade, de tempo e espaço, não conseguindo reunir a experiência que viveu em útero [...]. Durante o nascimento, as mãos que sustentam o corpo do bebê são de suma importância, sendo comparadas com a experiência de nascimento ou do contato que o bebê passará a ter com o corpo da mãe a partir deste momento (SILVA, 2016).

Porém, se a mãe não teve uma qualidade nas experiências da primeira infância, isto influenciará na qualidade da função materna, visto que as experiências vividas, de ter nascido, se desenvolvido como bebê e a produção dessas experiências na fantasia, iram ajudar ou danificar a sua experiência como mãe (MONTEIRO, 2003).

Medeiros & Aiello-Vaisberg (2014) descrevem, assim como Wanderley (2003), que a fase de holding corresponde aos cuidados primitivos do bebê, considerando as necessidades físicas e psicológicas ocorridas logo após o

nascimento da criança. Além desses cuidados é necessário que o ambiente seja suficientemente bom para que o holding aconteça. O bebê necessita ser sustentado psicologicamente para conseguir se desenvolver de forma satisfatória, para isso é necessário que a mãe seja suficientemente boa, sendo devotada ao bebê através de sua presença, confiança e pontualidade teria como decorrência natural desse processo as experiências de ilusão, continuidade de ser e o desenrolar de movimentos integrativos.

Corroborando com essa ideia Stona; Campos (2013) e Hortiz, *et al.*, (2013) elaboram que essas atitudes são consideradas corriqueiras, porém muito importante. Esse ato proporciona a criança um apoio a sua sobrevivência erotizando e organizando seu aparelho psíquico. Para Florencio (2018), o holding permite que o bebê tenha a função de integração, ou seja, a partir de uma pessoa já integrada ele se integra também. No início o bebê está em fusão com a mãe, não sabendo identificar que ele é um ser separado da mãe.

Bebês com um apego seguro choram ou protestam quando a mãe se ausenta, e a procuram ativamente quando ela retorna, porém, estes bebês são capazes de obter o conforto que precisam sozinhos, quanto mais seguro o apego do bebê com a mãe, maior será a probabilidade dele desenvolver um bom relacionamento com os outros (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 223).

Diante disto, um holding efetivamente estabelecido com o bebê, levará a um apego seguro, fazendo com que perante o desenvolvimento infantil, este bebê terá confiança para se desenvolver em seu mundo.

A maternidade incluirá o contato íntimo com o corpo do bebê, este possui necessidades que precisaram ser satisfeitas para que ele cresça de maneira saudável e satisfatória, uma dessas necessidades será a de uma mãe que responda de maneira afetuosa e rápida às demandas do bebê. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 217).

Correlacionado o fato de a maternidade incluir contato com o corpo, o handling está ligado ao manejo cuidadoso, sensível e carinhoso para com o bebê que será edificado e mantido pela mãe. Este contato físico do handling levará o bebê a um relacionamento gradativo de seu corpo, possibilitando uma construção imaginária do mesmo, sendo este um momento importante, por assimilar o acerto de um marco no desenvolvimento (BRANDÃO, 2003).



Todavia à medida que o bebê cria essa construção imaginária, passa a entender que ele habita o próprio corpo, havendo a distinção da psique e o soma, chamado de personalização, a psique passa a habitar no soma. Quando o bebê vivencia um bom manejo (handling), sendo acolhido, cuidado e tocado pela mãe, oferecem sensações ao bebê que são inscritas em sua consciência, na psique do bebê, passando a ter o conhecimento de viver dentro do seu corpo, estabelecendo uma realidade interna e uma realidade externa (MONTEIRO, 2003).

Contudo os cuidados do handling são respectivos também às condutas sociais, pois os pais realizam um cuidado mais físico em relação ao bebê, em relação a tocar, acariciar, e brincar, é a partir desse movimento que surgem, a resposta do bebê em forma de agitação, gritos e risadas (KLAUTAU; SALEM, 2009).

Em relação às formas de se realizar o handling, este poderá aparecer por meio dos momentos de banhos, trocas, massagens e será nesta fase que o bebê irá começar a levar as mãos e objetos à boca, olhar e seguir movimentos e buscar alcançar objetos (MARIANO, 2010, p. 25).

Corroborando com as afirmações, ter um handling adequado mostra que a mãe está cuidando do bebê e que consegue manejar o corpo do bebê de tal forma como se os dois constituíssem uma única unidade. Tendo fundeado em seu corpo, alcançando a integração por longos períodos e sentindo-se residido em seu próprio corpo, o bebê descobre a realidade externa. A mãe tende a proteger as invasões do mundo externo, não permitindo que o meio envolva o *self* do bebê (MONTEIRO, 2003).

Já a apresentação de objetos nesta fase, acontece por meio da mãe, que mostra o mundo exterior para o bebê, propiciando a criação de novos objetos, que serão levados por ele durante o processo de desenvolvimento, porém, o ambiente deverá ser propiciador dessas experiências, visto que é necessário que o bebê acredite que o objeto apresentado foi criado por ele (DA ROCHA, 2006). Entretanto Hortiz, *et al.*, (2013), ressaltam a existência de um paradoxo, visto que quando se tem a ideia de apresentação de objeto, deve-se levar em conta a ilusão que o bebê irá instituir perante o mesmo, mas que também, durante este processo de ilusão de criação, o bebê deve-se dar conta de que este objeto já existia e que ele não poderia tê-lo criado.

Em um novo estágio de interação, denominado como independência relativa, correm os passos cruciais no desenvolvimento da habilidade infantil para a ligação. Para a criança, esta fase se resulta do processo de desilusão, que tem seu princípio quando a mãe já não consegue estar à sua disposição, por motivos de um aumento de sua autonomia (CASTILHO, 2012, p. 129).

Entretanto para lidar com ausência de satisfação, que ocorre a partir do momento em que a mãe não pode estar mais à disposição, o bebê irá eleger objetos transacionais, que irão assim, suprir as necessidades emocionais, podendo ser um paninho, música, brinquedo ou chupeta. É a partir desta experiência transacional que o bebê poderá lidar com o seu mundo interno que está em construção e conceber a ideia de mundo externo (WINNICOTT, 1953/1975).

### **Segunda infância**

Na segunda infância a criança, que está em idade escolar, irá deslocar seu foco de dependência do adulto, como no caso a mãe, para outras crianças.

Na sociedade moderna, as mulheres possuem a possibilidade de estudar, trabalhar fora, escolher o momento e o número de filhos que fosse de seu desejo e com estas mudanças, as crianças que antes ficavam aos cuidados de suas mães, até a idade escolar, 5 a/ou 6 anos de idade; hoje, estão cada vez mais cedo indo para as escolas de educação infantil, por volta dos quatro meses, como consequência, as escolas ganharam a função de cuidadora, podendo ocasionar falhas ambientais e no holding (FAGUNDES, 2017).

Diante das afirmações, para elencar a importância do holding, Silva (2016), ressalta que configura-se como umas das três funções que a “mãe suficientemente boa” irá exercer para dar auxílio na construção da personalidade no bebê, visto que irá auxiliar nas relações que este bebê exercerá com outras pessoas e futuramente com o meio. A função *holding* que a mãe exerce é física e ao mesmo tempo emocional, determinará o desenvolvimento do *self* verdadeiro ou falso. Falhas no ambiente e no estabelecimento do holding podem gerar problemas futuros, relacionados a formação do *self* do bebê, levando a sentimentos de insegurança, dependência, desconfiança perante o meio e a falta de criatividade na fase adulta, visto que o bebê irá formar um falso *self*, que possui a função de proteger o ser da realidade externa.

Nesta fase o handling configura-se como uma importante função em relação com a formação da personalidade do bebê, tendo um ambiente que facilite o desenvolvimento, o bebê passa a ter consciência de estar dentro de seu corpo (KLAUTAUS; SALEM, 2009). Corroborando com isto, a apresentação de objetos e as brincadeiras realizadas pela mãe, fará com que o bebê comece a conhecer o mundo exterior e fazer parte dele, mantendo assim relações com outras pessoas (MARIANO, 2010).

Quando a criança entra na segunda infância estará na fase da dependência-independência, ou seja, a criança passa a provar de forma gradual a sua independência, porém ela precisa reexperimentar a dependência. Mais tarde, no próximo contexto, a independência-dependência nos indica que os experimentos de sua independência continuariam, mas de forma predominante. No estágio contíguo, a criança parte rumo à independência, internalizando o ambiente em si, apoderando-se da habilidade de cuidar dela mesmo. Reiterando que o caminho que a criança percorre até que se chegue a esse estágio é mutável, tal compreensão pode ser preterida pela forma abstrusa com que a realidade é mostrada ao bebê (LOPES, 2012). Winnicott (1983/1963, p.83-84) discorre que “[...] só pode-se ter uma exposição não-confusa da realidade externa se ela for cuidada por uma pessoa que está devotada ao lactente e à tarefa de cuidar desse lactente”.

Quando o bebê se apodera da realidade externa, gradualmente torna-se capaz de confrontar e lidar com o meio, acarretando a independência. Conquistando essa independência, a criança passa a ser capaz de confrontar e suportar tensões, elevando sua tolerância.

*Ao passo que ao lidar razoavelmente bem com as tensões sociais, a criança vai dando continuidade ao seu processo de crescimento e amadurecimento, pleiteando um lugar social no espaço escolar, no mundo do trabalho, na vida amorosa. (LOPES, 2012)*

Em contrapartida, Da Rocha (2006) discorre que a busca pela independência será algo contínuo, onde mesmo alcançando a idade adulta poderá não ter alcançado a maturidade emocional

*A maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada “independência”. Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de sentir independente e*

*invulnerável. Se essa pessoa está viva, sem dúvida há dependência!*  
(Winnicott, 1971/1967, p.3)

Assim, pode-se dizer que a relação materno-infantil na segunda infância se dá pela apresentação de objetos, onde a criança evolui da fase “dependência absoluta” da “mãe suficientemente boa” que produzia o holding de forma a edificar e preservar o *self* do bebê para a fase “Rumo à independência” onde o bebê passa se integrar com o ambiente externo de forma consciente. (SILVA, 2016; KLAUTAUS; SALEM, 2009; LOPES, 2012).

## **Conclusão**

Ao longo de muitos anos, estudos sobre a relação mãe-bebê e sua importância no desenvolvimento infantil vêm crescendo de forma a auxiliar o profissional da Psicologia na compreensão desse contexto e assim traçar metodologias psicoterápicas e definir metas para melhor atender as possíveis demandas.

Diante das pesquisas observou-se que as três funções da maternagem e o processo de maturação, apesar de interligados e interdependentes, mesmo que discutidos distintamente, fazem parte do processo de desenvolvimento infantil proposto por Winnicott, sendo este de suma importância para o desenvolvimento da subjetividade do bebê, e, conseqüentemente, a construção de sua identidade adulta.

Dos 44 artigos selecionados, todos falam desses processos, sendo de conhecimento solidificado no contexto científico sobre o desenvolvimento infantil na compreensão winnicottiana.

Ha a necessidade de produção de pesquisas em relação à segunda infância, sendo que na literatura existe uma defasagem para essa questão, pois a teoria winnicottiana não retrata apenas o desenvolvimento da primeira infância, como a maioria das produções cita.

A fundamentação teórica deste trabalho contribuirá na ampliação da visão do relacionamento mãe-bebê, tanto para os profissionais da psicologia, como também para área da saúde e para área educacional, visto que o desenvolvimento infantil é caracterizado por essa relação, assim o profissional se pautará de ferramentas que permitam a aplicação dos conceitos para intervenções específicas para cada caso.

Em suma o processo de desenvolvimento infantil é pautado em uma maternagem suficientemente boa, em que a mãe deve promover todo o cuidado do bebê, sempre levando em conta que a mãe também necessita de cuidados e de um ambiente favorável para que possa realizar sua função materna de maneira satisfatória para o desenvolvimento infantil.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Cristiano J.; BACCELLI, Marcela S.; BENINCASA, Miria. O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise winnicottiana. **Vínculo-Revista do NESME**, 2017, 14.1.

BORSA, Juliane C. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/Jun 2007.

BRANDÃO, Mônica C. C. **Lúpus Eritematoso Sistêmico: Dor Física, “Dor do Eu”**. Tese [Mestrado] PUC, Rio de Janeiro, 2003.

CASTILHO, Pedro T. Algumas considerações sobre o objeto na psicanálise de Winnicott e Lacan: do objeto transicional ao objeto pequeno a. **Estudos de Psicanálise**, n. 37, p. 127-141, 2012.

DA ROCHA, Marlene P. Da dependência à Independência IN: **Elementos da Teoria Winnicottiana na Constituição da Maternidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC - São Paulo, 2006

DE MOURA, Joviane A. **Winnicott- Principais Conceitos**. 2008.

ESTEVES, Carolina M.; ANTON, Márcia C.; PICCININI, Cesar A. Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 2, p. 75-99, 2011.

FAGUNDES, Ana P. **Medicalização Infantil**. UNIJUI. Santa Rosa, Rio Grande do Sul, 2017.

FLORENCIO, Jéssica S. C. **A importância da relação mãe bebê na constituição psíquica**. 2018.

GAIA, Larissa S. G.; ZULIAN, Maria A. R. **A importância da relação mãe-bebê no processo de desenvolvimento infantil**. 2010, p. 1.

HORTIZ, Maryellen. COSTA, Mayara C. DOS SANTOS, Regislaine C. **A relação materno infantil e o desenvolvimento afetivo em crianças de 0 a 3 anos**. 2013. Disponível em <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56170.pdf>>. Acesso em 28 de set. 2018.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 33-54, fev. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302009000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 25 set. 2019.

KEHDY, Roberta. Proporcionando holding à dupla mãe-bebê. **Pediatr. mod**, 2013, 49.9.

LOPES, Clea.M.B. A travessia da dependência absoluta à independência relativa. IN: **AS VICISSITUDES DA CONSTITUIÇÃO DA FUNÇÃO MATERNA: um percurso teórico em Winnicott e Freud**. Dissertação (Mestrado em psicologia Clínica) – Laboratório de Psicanálise, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

MARIANO, Daniele K. **A relação mãe-bebê e a constituição subjetiva da criança**. 2010. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, PR, 2010.

NASIO, J.-D. **Introdução às obras de Freud**, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Contribuições de A.-M. Arcangioli, M.-H. Ledoux, L. Le Vaguerèse, J.-D. Nasio, G. Taillandier, B. This e M.-C. Thomas; tradução, Vera Ribeiro; revisão, Marcos Comaru. – Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PAPALIA, D. E. e FELDMAN, R. D. (2013). Desenvolvimento Humano. Porto Alegre, **Artmed**, 12<sup>a</sup> ed.

PICCININI, Cesar. A. *et al.* Percepções e sentimentos de gestantes sobre o pré-natal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 28 v. 1, p.27-33, 2012.

ROTHER, Edna T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, June 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 de maio 2019.

SILVA, Sergio G. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 29-54, 2016.

SILVA, Rodrigo S.; PORTO, Mariza C. A importância da interação mãe-bebê. **Ensaios e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 20, n. 2, p. 73-78, 2016.

STONA, José. CAMPOS, Iris F. A. O que é ser mãe? Noções de uma função de diligência. **Salão do Conhecimento**. Unijuí, 2013.

ZORNIG, Silvia M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.** Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 28 set. 2018.

Wanderley, Daniele B. **Palavras em torno do berço: intervenções precoces bebê e família**. Edit. Agalma, Salvador, BA, 2003.

WINNICOTT, Donald W. O conceito de indivíduo saudável. In: **Tudo começa em casa**. 1971 (Trabalho original publicado em 1967).

\_\_\_\_\_.Objetos transacionais e fenômenos transacionais. In: **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 10-47; (Obra publicada 1953).

\_\_\_\_\_.Teoria do relacionamento paterno-infantil In: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.(Trabalho original publicado em 1960).

\_\_\_\_\_.Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: **O ambiente e os processos de maturação**. (I.C.S. Ortiz, trad., pp. 79-87). Porto Alegre: Artes Médicas. 1983. (Trabalho original publicado em 1963).

\_\_\_\_\_.**O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983

\_\_\_\_\_.**A criança e seu mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

\_\_\_\_\_.**Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_.**HumanNature**. Londres. Winnicott Trust. [Tradução: Natureza Humana]. (D. Bogomoletz, trad.) Rio de Janeiro: Imago, 1990 (Trabalho original publicado em 1988).

\_\_\_\_\_.**Os bebês e suas mães**, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes,1999.

\_\_\_\_\_.A preocupação materna primária. In: **Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Editora Imago, p. 218-232.2000.

\_\_\_\_\_.**A família e o desenvolvimento individual**, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_.O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: **A família e o desenvolvimento individual**, São Paulo: Martins Fontes, 2005(Trabalho original publicado em 1958).

\_\_\_\_\_.**A criança e seu mundo**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.